

# DA INCERTEZA PELA ESCASSEZ À DÚVIDA PELO EXCESSO: “ARQUITETURAS” DA IMPRENSA ESPORTIVA ENTRE O FOOTBALL DO “THELEGRAPHO” E O FOOTBYTE DO VAR

*Data de submissão: 29/01/2025*

*Data de aceite: 05/03/2025*

### Ricardo Bedendo

“Ha, como se vê, **razão para se estar apprehensivo deante dos insistentes telegrammas**, dando como certo, que Moacyr Queiroz vai ser o commandante do nosso ataque contra a Yugoslávia” (DIARIO CARIOCA, 13 de julho de 1930, p.12, grifo nosso). O recorte da matéria da publicação na véspera da estreia da seleção brasileira na primeira Copa do Mundo de Futebol, no Uruguai, é um convite a pensarmos nas sensações, “apprehensões” e reações da imprensa esportiva, pautada pelos meios de comunicação e suas tecnologias, ao longo de 94 anos. Com a manchete e o subtítulo “Será iniciado hoje o campeonato mundial de Football, em Montevideo: na véspera do primeiro encontro dos brasileiros, em Montevideo”, a narrativa anuncia o embate entre Brasil e Yugoslavia.

Havia já por parte dos “chronistas” a constituição de uma “arquitetura do olhar” (BEDENDO, 2023) que buscava analisar o contexto da formação do time e as possibilidades de desempenho em campo, em meio à ausência ou à escassez anunciada de informações. A escrita começa destacando, pontualmente, a distância e as dificuldades normais da época para se obter notícias mais rápidas e testemunhais sobre o nosso “scratch”.

**Mesmo de longe** não se pôde deixar de estar acompanhando os treinos e as informações sobre o seleccionado brasileiro, ora em Montevideo. O primeiro treino em conjunto, **segundo os detalhes conhecidos**, se, por um lado agradou, **pelos comentarios lisonjeiros**, que lhes foram feitos, por outro lado deu margem a justificada apprehensão [...] A insistência, que se diz, **pelo telegrapho**, está tendo a direcção tchnéica da delegação, pôde ser que nos custe caro (DIARIO CARIOCA, 13 de julho de 1930, p.12, grifo nosso)

A história e a memória da imprensa esportiva nos ajudam a compreender, portanto, campos de atuação de jornalistas e radialistas que foram, de um século a outro, moldados no começo pelo que chamamos de “incertezas pela escassez”. Os testemunhos emitidos por longas distâncias, com um letramento elitizado e comandando pelo ritmo lento do analógico “telegrapho” refletem o cenário social da ocasião de um, então, ainda jovem “football”. O que argumentamos nesse artigo é que, quase um século depois da Copa de 1930, jornalistas e radialistas da área continuam sendo desafiados pelas tecnologias da informação e da comunicação, que avançam cada vez mais rápido por todos os eixos do tradicional jogo com a bola nos pés. As “incertezas” causadas por uma dinâmica de escassez, de insuficiência, de lentidão, e de distâncias muitas vezes insuperáveis pelas limitações técnicas do passado, agora se transformam em “dúvidas pelo excesso” de informações oferecidas por dezenas de ângulos de câmeras e telas *high-tech* e por *streamings* de uma internet voraz e veloz.

A tecnologia digital altera profundamente a constituição das “arquiteturas” do jogo e de todos ao seu redor, em especial dos profissionais da comunicação responsáveis por suas transmissões globalizadas. Do football do “telegrapho” chegamos ao *footbyte* do *zoom* telânico plurisensorial do *Video Assistant Referee* (VAR). Essa tecnologia da retina maquinica emerge como a divindade reparadora e justiceira e como o *ciborg* pós-humano capaz de destacar as insuficiências do olhar humano e sua dependência da máquina para tomar decisões. Por outro lado, esse “excesso” confunde, angustia e remodela aquelas ansiedades, lá de trás, com roupagens advindas de uma bola construída por *bytes* e autenticada pelo “hiperespetáculo da telerrealidade” (LIPOVESTSKY, 2022)<sup>1</sup>.

Como sublinha Zuboff (2018, p.44), a lógica de saturação de dados da vida digital produz “oportunidades radicalmente distribuídas para observação, interpretação, comunicação, influência, predição e, em última instância, modificação da totalidade de ação”. As relações de poder historicamente atribuídas ao acesso e ao gerenciamento do conhecimento, são hoje constituídas e circundadas pelos vigilantes fluxos de dados que mexem até mesmo com a privacidade das conversas daqueles em campo de jogo, por exemplo. Conforme pontua, Zuboff (2018, p.45), “se o poder já foi uma vez identificado com a propriedade dos meios de produção, agora é identificado com a propriedade dos meios de modificação comportamental”. E são essas transformações nos comportamentos que nos chamam a atenção.

Pelo túnel do tempo, chegamos em 2024, na primeira partida da disputa da Recopa Sul-Americana, entre o time equatoriano LDU e o brasileiro Fluminense. Essa disputa nos trouxe um exemplo de como ainda é possível manter a dúvida, mesmo com todo o cardápio tecnológico de informações. Aos 6 minutos do primeiro tempo, o atacante tricolor Germán Cano recebeu lançamento do lateral Marcelo e teria sido empurrado, dentro da área, pelo marcador Quiñonez. O árbitro em campo, o colombiano Andrés Rojas, não marcou a falta reclamada que originaria um pênalti. O árbitro de vídeo nem sequer foi acionado e a disputa terminou com a vitória dos equatorianos por 1 a 0.

1. Versão sem numeração de páginas, disponível no Google Books in: A Sagração da Autenticidade - Gilles Lipovetsky-Google Books ; acesso em 15/03/2024.

Após o jogo, quando parecia encerrada a coletiva de imprensa do Fluminense, o zagueiro Felipe Melo abriu o microfone e questionou os jornalistas: “ninguém vai fazer uma pergunta falando do árbitro? Ninguém vai contestar a arbitragem? Isso é complicado, ninguém enxergou o que aconteceu aqui? Ninguém viu? [...]”. Essa dúvida permanece até hoje. A Confederação Sul-Americana de Futebol justificou depois, segundo revelaram os jornalistas<sup>2</sup>, que o áudio da revisão da penalidade não seria divulgado porque a decisão de campo prevaleceu.

Os fragmentos extraídos de três jornais de 1930 nos auxiliam a compreender como as narrativas dos jornalistas foram arquitetadas em meio ao primeiro grande espetáculo mundial do Football. Na esteira do “capitalismo artístico” da era moderna, os escritos nos periódicos revelam, ainda, a edificação de uma fértil “harmonização da bola”, perfeitamente adequada ao casamento “comércio e emoção estética” do liberalismo de estilização, sedução e consumo (LIPOVETSKY; SERROY, 2014)<sup>3</sup>

## **ERROS DE PALMATÓRIA [...] APESAR DO FRIO INTENSO QUE REINAVA, SEGUNDO OS TELEGRAMMAS**

Os relatos dos profissionais de imprensa do Jornal do Brasil, Diário Carioca e A Gazeta, de São Paulo, são o registro do começo de um jornalismo esportivo que encontrou no futebol um combinado de ações e de emoções que, aos poucos, também com a chegada do rádio, avança em direção ao consumo de massas. Assim, constatamos que “o jornalismo é memória em ato, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado.” (PALACIOS, 2010, p.40-41).

Essas narrativas encontradas nos arquivos digitais da Hemeroteca da Biblioteca Nacional contam uma história necessária para quem quer começar na profissão ou mesmo se revitalizar. A percepção da “incerteza pela escassez” nos leva também à constatação de que esses precursores trabalharam muito para conhecerem as “novidades” tecnológicas da ocasião e superarem as dificuldades inerentes a qualquer processo em expansão. Esses jornalistas podem ser considerados ainda fundamentais na criação de modelos de transmissões que foram sendo reformulados com o avanço dos *bytes*.

Em todos os jornais, a então Agência Americana de Notícias (AA)<sup>4</sup> caracterizava o “jornalismo de agências” como referência das coberturas internacionais, como a Copa do Mundo do Uruguai, em 1930. No Diário Desportivo do Jornal do Brasil, de 15 de julho

2. Fluminense x LDU: Conmebol não divulgará áudio do VAR de pênalti reclamado em Cano I fluminense I ge (globo.com)

3. Versão sem numeração de páginas, disponível no Google Books in: O Capitalismo Estético na Era da Globalização - Gilles Lipovetsky, Jean Serroy - Google Books ; acesso em 01/02/2024.

4. Segundo Corrêa (2018), o poeta brasileiro Olavo Bilac foi um dos principais idealizadores da Agência no início do século XX. “A Agência Americana nasceu já com o propósito de concentrar seu serviço internacional nas capitais do continente americano, especialmente da América do Sul. [...] pelo registro dos jornais da época, a Agência Americana começou a funcionar no dia 10 de outubro de 1909, um domingo, quando jornais do Rio de Janeiro começaram a publicar seus despachos telegráficos.” Seu último ano de funcionamento foi 1930.

de 1930, há uma opinião da redação acerca da derrota dos brasileiros por 2 a 1, no dia anterior, no estádio Gran Parque Central, em Montevidéu, e, na sequência, o anúncio: “recebemos de Montevidéu acerca do jogo dos nossos patricios com os Yougo-slavos os seguintes **despachos telegraphicos:**” (JORNAL DO BRASIL, 15 de julho de 1930, p.14, grifo nosso).



Imagem 1: Manchete da reportagem do Jornal do Brasil com a cobertura dos quatro jogos da Copa do Mundo realizados em 14 de julho de 1930, em especial a estreia da seleção brasileira.

A “narração da partida” é levada ao leitor um dia após a realização do jogo com um fluxo de um “tempo real” atrasado: “O 1º Half Time terminou favoravelmente aos Yugo Slavos Os Yugo Slavos fizeram um terceiro goal, mas o ponto foi annullado, terminando, dessa maneira, o primeiro tempo, com o score de dois a zero favorável aos Yugo slavos.” (JORNAL DO BRASIL, 15 de julho de 1930, p.14). O único “ponto” do Brasil foi assim descrito: “Os brasileiros conseguem o seu único ponto. Aos 16 minutos, Nilo, emendando um centro de Theophilo, faz o primeiro ponto brasileiro” (JORNAL DO BRASIL, 15 de julho de 1930, p.14).

Se por meio do impresso era necessário aguardar um dia pela “transmissão”, o rádio começou a despontar como uma possibilidade tecnocientífica de uma comunicação mais síncrona. Na mesma página do JB há um registro memorável da transmissão radiofônica do primeiro jogo do Brasil em uma Copa do Mundo. Essa anotação sinaliza também para as barreiras encontradas em um processo ainda no começo. Portanto, há uma dimensão da incerteza pela escassez também técnica. A nota com o título “A IRRADIAÇÃO DO JOGO PELO ‘JORNAL DO BRASIL’” destaca:

**Em vista de dificuldades que surgiram na transmissão do serviço** organizado pelo “Jornal do Brasil”, resolvemos **servir-nos da irradiação da Rádio Sociedade com os alto fallantes em número de seis**, fornecidos e ajustados pela General Electric. Devemos aqui salientar o esplendido serviço feito pela Rádio Sociedade, minucioso e claro, digno de todo elogio. Esse serviço foi feito por intermedio da Companhia Telephonica de Montevidéu, da Companhia dos Cabos Italianos Italcable, e pela Companhia Telephonica do Rio de Janeiro, **directamente do campo de football montevidéano.** (JORNAL DO BRASIL, 15 de julho de 1930, p.14, grifo nosso)

A publicação de uma fotografia dos “senhores de chapéu” à porta do Jornal, acompanhando a transmissão radiofônica, amplia a percepção do interesse das massas e do poder de comunicação que as empresas e os jornalistas começavam a desfrutar de maneira mais ampla.



Aspecto apanhado em frente à nossa redação na ocasião em que estava sendo irradiado o importante jogo de Montevideo

Imagem 2: foto publicada na edição de 15 de julho de 1930 dos ouvintes da irradiação na porta do Jornal do Brasil

Na página tomada por palavras apertadas no espaço delimitado, há, ainda, o anúncio da transmissão da partida seguinte do Brasil contra a Bolívia: “SERA´ IRRADIADO O JOGO BRASIL X BOLIVIA: Por ocasião do jogo internacional de domingo, será irradiado no estadio do Fluminense o jogo Brasil x Bolívia que será disputado á mesma hora na capital do Uruguay” (JORNAL DO BRASIL, 15 de julho de 1930, p.14).

A opinião jornalística reforça olhares e experiências de “arquiteturas” desafiadas a todo o momento pelas dinâmicas do jogo e das tecnologias de informação. Esse trecho da análise da derrota exemplifica:

A estreia dos brasileiros no 1º Campeonato Mundial de Football foi infeliz [...] Além da pouca “chance” que teve o team brasileiro, foi ainda enormemente prejudicado pela escala do encarregado de sua formação que cometeu as “pixotadas” de pôr Fernando de half-back esquerdo, posição que nunca jogou, quando havia dois halves: Pamplona e Ivan, **bastante mediocres e muito inferiores a outros que aqui ficaram**, mas enfim, mais familiarizados com a posição de Fernando e a inovação á ultima hora de Araken, como centerforward, posição essa que também nunca jogou (JORNAL DO BRASIL, 15 de julho de 1930, p.14, grifo nosso)

Assim, o “chronista” justifica que “Foram erros de palmatoria que devem ter influido de modo decisivo para a derrota, apesar do frio intenso que reinava, **segundo os telegrammas.**” (JORNAL DO BRASIL, 15 de julho de 1930, p.14, grifo nosso).

Um registro na mesma página sobre o confronto entre Estados Unidos e Bélgica desperta a atenção pelo fato de “transmitir” uma confusão em campo, que precisou da intervenção mais concisa do juiz: “Registra-se um incidente entre norte americanos e belgas, provocado pelos primeiros, tendo se **trocado pontapes e murros**, sob grande vaia

do publico. O **‘referee’ intervem** e consegue terminar o conflito” (JORNAL DO BRASIL, 15 de julho de 1930, p.14, grifo nosso). Em outra partida, desta vez entre Romênia e Peru, o primeiro gol parece pegar de surpresa o jornalista que telegrafava os lances: “1º goal dos RUMENOS MONTEVIDEO, 14 (A) - A hora que telegraphamos os Rumenos abrem o scoore da tarde” (JORNAL DO BRASIL, 15 de julho de 1930, p.14). A utilização da “caixa alta” na narrativa é a simbologia do “grito” de atenção a uma jogada inesperada: **“GRAVE ACCIDENTE MONTEVIDEO, 14 (A) – No campo do Penarol, onde se esta disputando a partida Peru-Rumenia verificou-se um grave accidente havendo um jogador ferido seriamente. O JOGADOR PERUANO GALINDO FOI POSTO FORA DE CAMPO”** (JORNAL DO BRASIL, 15 de julho de 1930, p.14, grifo nosso).

Alguns dias depois, a edição de 22 de julho, “transmite” a vitória do Brasil por 4 a 0 sobre a Bolívia e a eliminação do nosso selecionado.

Os nossos patricios apesar da má escala para o jogo de domingo contra os bolivianos sahiram vencedores como previamos. Foi um **triumpho que rheabilitou o nosso quadro**, muito embora não mais possa elle concorrer as semifinais como de direito lhe competia se não fosse a **má sorte que os acompanhou no jogo com os yugoslavos e sobretudo a péssima e inexplicável organização que lhe deram a ultima hora** (JORNAL DO BRASIL, 22 de julho de 1930, p. 16, grifo nosso).

Já a edição de 26 de julho retrata uma nota de agradecimento enviada pela delegação brasileira aos jornais, na qual reconhece “o trato fidalgo com que a acolheram e declarando que regressavam ao seu país reconhecidos as atenções que lhes foram dispensadas pela autoridades, pela imprensa e pelo povo uruguayo” (JORNAL DO BRASIL, 26 de julho de 1930, p.15). Na continuidade, aparece a descrição curiosa sobre uma possível punição aos integrantes da comissão técnica brasileira que poderiam ter, de alguma forma, desrespeitado os profissionais de imprensa: “na sua nota, a chefia da delegação **pedia aos jornalistas que lhe informasse qualquer queixa que porventura houvesse contra qualquer membro da delegação** afim de que pudesse ser elle disciplinarmente punido” (JORNAL DO BRASIL, 26 de julho de 1930, p.15, grifo nosso).

Na mesma publicação, está a informação de um almoço ofertado pelo presidente uruguaio, do qual participou a imprensa: “hoje na Quinta de propriedade do Presidente Campisteguy, situada em Las Piedras sera servido um almoço ‘criollo’ aos chefes das delegações sportivas e aos **chronistas sportivos estrangeiros** que vieram participar do Campeonato Mundial de Football” (JORNAL DO BRASIL, 26 de julho de 1930, p.15, grifo nosso).

As descrições das partidas pela Agência Americana são replicadas nos demais jornais que deram destaque ao Mundial, no dia seguinte. No Diário Carioca, a matéria do anúncio do começo do Campeonato e da estreia do “scratch” brasileiro no dia seguinte, acentua as limitações impostas pela distância e pela velocidade de despacho das notícias. A abertura da primeira frase já demarca uma certa “apreensão” pela “incerteza” ocasionada pela “escassez”:



Imagem 3: Manchete e subtítulo da matéria do dia 13 de julho de 1930, do Diário Carioca

Os possíveis erros de arbitragem também já estavam na pauta. Ainda com a dependência exclusiva da retina humana, as opiniões demarcavam uma espécie de “pedra fundamental” das “arquiteturas dos olhares e das experiências” dos jornalistas diante do tema apito e justiça no jogo. A “narração” do embate entre França e México dá o tom:

O público protesta porque o juiz da partida marcou um foul feito no arqueiro frances. O juiz argentino Mascias puniu algumas faltas durante o desenrolar da partida que causaram protestos por parte dos jogadores. **Os representantes dos jornaes attribuem o erro ao jogo atropelado praticado pelos teams em campo**” (DIÁRIO CARIOCA, 14 DE JULHO DE 1930, p.12, grifo nosso)

A despedida do “team” do Brasil da Copa do Mundo, contra a Bolívia, traz discursos que solidificam o jornalismo esportivo opinativo do “telegrapho”. A reportagem do dia da partida analisa:

Para o encontro dessa tarde, o quaro brasileiro, **segundo notícias chegadas**, foi escalado pelo Sr. Pindaro de Carvalho. É bem diferente daquelle que foi posto deante dos yugoslavos, e derrotado por 2 x 1. A linha de ataque, então, foi sensivelmente modificada. Vae commandar o ataque o futuroso player Carvalho Leite. Moderato occupará o posto da extrema esquerda. Na defesa, houve, tambem, modificações. Velloso será o keeper. **Reconhece-se pelas noticias, que chegam**, que ha nova orientação (DIÁRIO CARIOCA, 20 DE JULHO DE 1930, p.11, grifo nosso)

A “transmissão” do jogo, 48 horas depois, nesse impresso, faz referência aos homens da imprensa responsáveis pela operação dos meios de comunicação e relatos das notícias diretamente do estádio. “O jogo dos brasileiros, hoje, contra os bolivianos, causou excelente impressão, **entre os cronistas que se achavam na tribuna de imprensa no stadium Centenário. A opinião geral** é que, no primeiro tempo, o jogo dos brasileiros foi muito bom, sem chegar, entretanto, a deslumbrar” (DIÁRIO CARIOCA, 22 DE JULHO DE 1930, p.7, grifo nosso)

Ainda nessa edição, uma passagem ressalta um erro de informação corrigido na mesma sequência durante a telegrafia do encontro entre Uruguai e Romênia. “Aos 12 minutos de jogo Scarone conquista o primeiro ponto para as suas cores, debaixo de formidável ovação da assistencia. O primeiro ponto uruguayo foi marcado aos oito minutos de jogo, por intermedio de Dorado e não de Scarone como foi noticiado no primeiro momento (DIÁRIO CARIOCA, 22 DE JULHO DE 1930, p.7, grifo nosso).

A “estética do consumo e do divertimento” (LIPOVESTISKY; SERROY, 2014) do liberalismo já em suas vias capitalistas/artísticas de expansão encontra nos meios de comunicação o seu alicerce perfeito. A expansão do rádio aparece na pesquisa novamente, dessa vez por meio de uma publicidade, e enfatiza os laços entre a razão tecnocientífica e uma dimensão estética com a estratégia do pomposo veículo movido a eletricidade capaz de unir famílias ao seu redor. “Na intimidade do lar...nas horas de lazer...tereis no ‘Crosley’ um amigo dedicado que vos proporcionará momentos de verdadeiro prazer” (DIÁRIO CARIOCA, 20 DE JULHO DE 1930.



Imagem 4: Anúncio do “rádio de tomada” na edição do dia 20 de julho de 1930

O jornal A Gazeta, de São Paulo, apresenta uma diagramação que prioriza os registros telegráficos das partidas. A “história” de Brasil x Bolívia, por exemplo, Em alguns momentos da descrição é possível perceber uma “narração acumulada”, pois o repórter faz um compilado de lances semelhantes e resume: “Moderato manda um centro, que passa raspando a trave. Logo depois, **registram-se três tiros para fora**, por Leite e Russinho.” (A GAZETA, 21 de julho de 1930, p.5, grifo nosso). Outra menção interessante nessa mesma linha evidencia as limitações de um jogo ainda rústico em sua estrutura: “Há uma interrupção do jogo por se ter machucado Moderato, num choque com Durandal e, reiniciado, **registram-se outras duas interrupções** por te a **bola cahido num fosso dagua que circunda o campo**” (A GAZETA, 21 de julho de 1930, p.5, grifo nosso).





Imagem 5: Manchete e subtítulo de A Gazeta do dia 21 de julho de 1930

Sobre esse periódico recortamos, ainda, a edição de 31 de julho de 1930 que traz os relatos da final entre Uruguai e Argentina. Sob o título “AS INFORMAÇÕES DA AGÊNCIA AMERICANA SOBRE O GRANDE JOGO” (A GAZETA, 31 de julho de 1930, p.10). está a descrição do trabalho de profissionais da tecnologia de comunicação que pode ser caracterizada como o embrião das imagens hoje multiangulares: mesmo com uma informação ainda com muitas incertezas em decorrência de uma escassez técnica, a fotografia já cumpria seu papel decisivo para as “arquiteturas dos olhares e das experiências” dos jornalistas.

As 14,55 os dois quadros entraram em campo, saudando, cada um, sob formidável manifestação da assistência a tribuna official, as archibancadas, as geraes. Mesmo durante o bate bola clássico, durante as saudações da pragmática, as “poses” para o exército de photographos, a assistência vive a fremir em brados prolongados e entusiasticos. (A GAZETA, 31 de julho de 1930, p.10)

Naquela época, a fotografia já demonstrava como a imagem, o congelamento de uma “realidade captada” atrai atenções e poderia ser um forte mecanismo de interatividade também com o público. Na mesma página, há um convite a uma “brincadeira” pautada por uma foto. A chamada é “Onde está a bola: grande concurso da Gazeta Esportiva de domingo”.

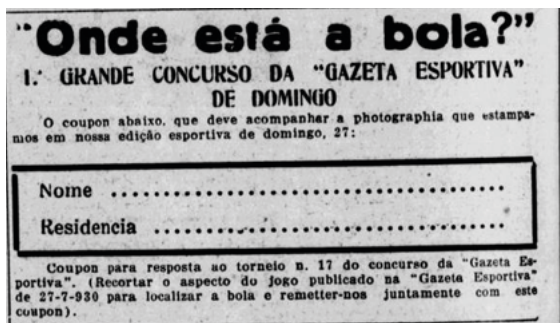


Imagem 6: Cupom para o concurso da Gazeta Esportiva, 31 de julho de 1930, p.10

O registro fotográfico que convida a esse “jogo” foi publicado na edição de 26 de julho de 1930.



Imagem 7: Fotografia do concurso “Onde está Bola”, A Gazeta, 26 de julho de 1930, p.12

Nesse percurso para encontrarmos pistas sobre as dinâmicas dos jornalistas, dos meios de comunicação, do football e da sociedade que os cercavam, trazemos outro anúncio do “promissor” rádio valvulado. Nesse, o modelo é situado como a expressão do “progresso” em curso:

o progresso mecanico tem actualmente infinitas expressões do alto gráo por elle atingido. Entre essas, as machinas falantes ocupam um lugar de destaque, pois, á sua grande perfeição mecanica se alliam o encanto e a beleza da reproducção nitida de um dos maiores prodigios da natureza: a voz humana (A GAZETA, 31 de julho de 1930, p.3)

Imagem 8: Anúncio de rádio publicado na edição de 31 de julho de 1930, no jornal A Gazeta, p.3

O percurso histórico nos ajuda compreender melhor como “a escrita esportiva faz

parte da própria definição da atividade, participando do seu desenvolvimento e de suas práticas” (ARON, 2021, p.12). Por esse prisma, a *ball* agora revestida de *bytes* reproduz uma sensação de leveza sensorial que pode também ser traiçoeira, como aquela que bate do “montinho artilheiro” e engana o goleiro. E nesse “bate-bola-byte” os jornalistas esportivos também precisam se preparar para as mudanças ligeiras de rumo. Lipovetsky (2016) contextualiza claramente o porquê da importância dessa escrita embasada na memória e na história para entendermos o hoje. Ele explica que “durante muito tempo, no domínio tecno-econômico, a prioridade foi dada aos equipamentos pesados.

Agora, é atribuída ao ultraleve, à miniaturização, à desmaterialização” (LIPOVETSKY, 2016)<sup>5</sup>. Em meio ao “ímpeto do ligeiro” (LIPOVETSKY, 2016), à ultravelocidade extrema com a qual tudo parece girar ao nosso redor, está também a instabilidade provocada não mais pelas limitações da técnica, das distâncias ou das incertezas pela escassez. Na atualidade, o “self-service generalizado” (LIPOVETSKY, 2016) impacta também o tradicional football e todos os olhares, experiências e decisões que temos ao interagir com o esporte. Do football chegamos, portanto, ao footbyte (BEDENDO, 2011, 2023).

## “NINGUÉM VAI FAZER PERGUNTA? NINGUÉM VAI CONTESTAR?”

As interrogações deste subtítulo são do zagueiro do Fluminense, Felipe Melo. Ele contextualizou a imprensa esportiva que participava da coletiva após o primeiro jogo da final da Recopa Sul-Americana, no dia 22 de fevereiro de 2024. O pênalti não assinalado pelos “árbitros humanos” da partida causou revolta na comissão técnica tricolor, que reivindicou também a atuação do “juiz ciborg” VAR, no caso dotado de lentes e de ângulos que, a princípio, seriam capazes de eliminar qualquer dúvida. Mesmo com a ausência do árbitro de vídeo nesse lance, não faltaram “juizes” pautados pelas imagens plurisensoriais que foram replicadas em variados formatos e plataformas. As redações atuais têm seus times ainda mais reforçados por ex-jogadores e ex-árbitros que fazem eclodir de vez os discursos sob a dependência do olhar da máquina.



Imagem 7 – Site do Globo Esporte noticia opinião do comentarista de arbitragem sobre o lance

Fonte: PC Oliveira vê pênalti não marcado para o Fluminense e diz que lateral da LDU deveria ter sido expulso | ge (globo.com)

5. Versão sem numeração de páginas, disponível no Google Books in: Da Leveza - Para uma Civilização do Ligeiro - Gilles Lipovetsky - Google Books ; acesso em 01/02/2024.

O discurso do atleta das Laranjeiras chama a atenção porque foi também uma “jogada” que evidenciou, ainda mais, a “dúvida pelo excesso”.

## Felipe Melo se irrita com árbitro e cobra perguntas em coletiva do Fluminense: "Vai ficar por isso mesmo?"

Zagueiro reclama de ausência de contestações na entrevista após a derrota para a LDU

Por Redação do ge — Quito  
23/02/2024 00h05 - Atualizado há 3 semanas



**O GLOBO** Ganhe 2 meses e aproveite todas as vantagens de ler O GLOBO.

Imagem 8 – GE.com notícia a fala do jogador na coletiva de imprensa

Fonte: Felipe Melo se irrita com árbitro e cobra perguntas em coletiva do Fluminense: “Vai ficar por isso mesmo?” | fluminense | ge (globo.com)

Na matéria, a ênfase nas palavras do jogador: “Vai ficar por isso mesmo? Ninguém vai fazer pergunta? Ninguém vai contestar? Isso é complicado, gente. Ninguém ninguém viu o que aconteceu? Pelo amor de Deus, né? Somos profissionais, pais de família, foram seis horas de viagem. Isso aqui é minha vida, isso aqui é nossa vida. Ninguém fala nada?” (GE, 2024)

O site da Rádio Tupi FM, do Rio de Janeiro, pontua outra “arquitetura” jornalística. A manchete faz referência a um trecho das declarações do atleta que aborda uma suspeição acerca da atitude do juiz do confronto. No texto, Felipe Melo afirma que “[...] Então jogamos contra um rival forte, altitude e contra a interferência do árbitro. Eu falo pouco dos árbitros, porque errar é humano. Eu erro sempre e busco estar melhor. **Mas hoje não foi erro. Ai cabe a interpretação de cada um de vocês (jornalistas).** Não foi erro” (RÁDIO TUPI, 2024, grifo nosso)

ESPORTES

## “Não foi erro”, diz Felipe Melo sobre arbitragem contra LDU

Jogador reclamou de lances polêmicos após a derrota do Fluminense para a LDU por 1 a 0, nesta quinta, no Equador



Publicado 3 semanas atrás em 23 de fevereiro de 2024  
Por Redação Tupi

Imagem 9: Manchete da Rádio Tupi FM, do Rio de Janeiro

Fonte: “Não foi erro”, diz Felipe Melo sobre arbitragem contra LDU

Zart (2023, p.7) menciona que, na formação da imprensa esportiva contemporânea, “há a exigência de compreender as mudanças causadas aos preceitos tradicionais do jornalismo, à apresentação e os parâmetros noticiosos a um contexto mutável, que agora inclui meios digitais móveis”. Como afirmam Walvaart et al. (2019, p.1140, tradução nossa) cada vez mais estamos lidando com uma audiência participativa e precisamos enxergá-la “na tela, além da tela e atrás da tela”.

Tamir e Bar-Eli (2021, p.2, tradução nossa, grifo nosso) apontam que “No futebol, os movimentos rápidos da bola e dos jogadores, as diferentes linhas de visão e as paixões acaloradas, a pressão e a competição expõem os árbitros a situações de arbitragem muito complexas, **por vezes impossíveis** “. Ao analisarem os efeitos psicológicos pelos quais os juízes são submetidos, esses pesquisadores ressaltam, ainda, que “o campo dos esportes, no entanto, acomoda uma concentração extraordinária de paixões, pressões e emoções” (TAMIR; BAR-ELI, 2021, p.3, tradução nossa). Outra questão relevante despertada pelos estudiosos da área é que “as transmissões de alta qualidade e os replays televisivos podem colocar os telespectadores em melhor posição do que o árbitro na hora de identificar ações e situações” (TAMIR; BAR-ELI, 2021, p.5, tradução nossa). E entre esses “Teles” estão os jornalistas pautados, essencialmente, pelo “*moral gatekeeper*”, como é chamado o VAR. Tamir e Bar-Eli (2021, p.5, tradução nossa) nos auxiliam a perceber que “a tecnologia de arbitragem não eliminará todos os erros dos árbitros no esporte. Enquanto os seres humanos forem árbitros, haverá erros de arbitragem. No entanto, o VAR ajudará os árbitros a tomar melhores decisões e interpretar as regras, diminuirá a injustiça [...]”.

Uma das características determinantes do footbyte é a propagação em híper-tempo dos discursos advindos das “arquiteturas” desafiadas a todo o instante. Os enunciados organizacionais da linha editorial da empresa jornalística e o da linha sensorial do jornalista. É como se tivéssemos que usar o VAR também para traçar as nossas linhas e verificar os impedimentos e as validações dos nossos gols. A dinâmica de plataformização (NIELSEN; FLETCHER, 2023) em meio à “inflação das telas” (LIPOVETSKY; SERROY, 2009, p.255) é, portanto, um processo que, se por um lado, auxilia, por outro angustia tanto quanto lá em 1930.

No estudo que fizeram sobre a influência do VAR na Premier League, Bao e Han (2023, p.6, tradução nossa) alertam que entre os conflitos que a tecnologia do árbitro de vídeo pode acrescentar ao futebol está a possibilidade de “os jogadores passarem a confiar apenas nos julgamentos do VAR e perder a confiança no árbitro de campo”. A reação do zagueiro do zagueiro do Fluminense e de muitas outras pessoas ao seu redor, taticamente confusas talvez por essas “dúvidas pelo excesso”, pode ser considerada um toque já nessa direção.

A obsessão pela imagem “*high-vision*” provoca uma corrida aos testes que podem frequentemente melhorar a acuidade. Brunnström et al. (2023, p.16, tradução nossa) apresentam uma das frentes de mensuração de resultados do VAR estabelecida pela FIFA em parceria com a *RISE Research Institutes of Sweden*. Eles sinalizam para os desafios de “processamento, codificação, decodificação, sincronização e reformatação das transmissões de dados”.

Em um amplo estudo que fizeram com 85 entidades associadas à FIFA, Beiderbeck et al. (2022) argumentam que todos esses protocolos precisam considerar aspectos, como a “multiplicidade de perspectivas regionais sobre o impacto da tecnologia no futebol” (BEIDERBECK, 2022, p.2, tradução nossa), dimensões relativas aos ângulos da tecnologia e dos usuários desses ângulos e que estamos lidando também com uma parcela considerável de jogadores que chegam como representantes da “geração Z”, ou seja, de um mundo digital e amplamente conectado. Entre as sete projeções dos impactos da tecnologia para o jogo em 2026, uma delas diz respeito à “qualidade da comunicação” vai remodelar, ainda mais, as relações entre todos os atores. Por exemplo, “as análises em tempo real” dos treinadores com os jogadores e “as mudanças táticas no campo de jogo vão aumentar significativamente” (BEIDERBECK, 2022, p.5, tradução nossa).

No cenário brasileiro, Oliveira et al. (2020) estudam como o VAR traz novos elementos interpretativos para o jogo e para os jornalistas esportivos. Primeiramente, os autores observam que “surge um novo elemento com procedimentos e tempos diferenciados daqueles pré-existentes” (OLIVEIRA et al., 2020, p.95). Os pesquisadores argumentam, ainda, que “as dúvidas e critérios de interpretação são elementos presentes e constantes na arbitragem do futebol” e que nesse novo cenário, “a mídia de certa forma e na especulação dos episódios polêmicos envolvendo a arbitragem, estabeleceu algumas perspectivas para a criação e utilização do VAR na atualidade; o que formaliza uma ‘corrida’ mais justa entre a arbitragem e as mídias esportivas, ambos assistindo os lances de diversos ângulos e perspectivas” (OLIVEIRA et al., 2020, p.96).

As reconfigurações nas “arquiteturas” e a permanência e a chegada de novos conflitos são, portanto, inerentes à estrutura:

Questões que envolvem o espetáculo, entre elas, a utilização do VAR, promovem alterações na lógica estabelecida para a divulgação esportiva e removem com situações pré-estabelecidas. No caso do futebol, as reclamações por parte de alguns jornalistas, são da ordem de perturbação na temporalidade para aquilo que é transmitido. No momento em que uma situação de jogo é paralisada ou um gol interrompido, o próprio grito de gol aliado a satisfação, também precisa ser contido. Essa é uma relação que carece de novas configurações e reinterpretações em tempos de VAR (OLIVEIRA et al., 2020, p.101)

A revisão bibliográfica e a pesquisa documental nos ajudam a perceber a dimensão do debate e a importância do percurso histórico. O campo de jogo é um reflexo dos campos da vida. A bola tem o formato do globo exatamente porque é o espelho dos “giros” do planeta e das nossas experiências. Para os jornalistas esportivos, deixamos algumas reflexões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde 2009 (BEDENDO, 2009), quando começamos a discutir os efeitos das tecnologias de comunicação e informação em todos os eixos do tradicional *football*, ressaltamos as provocativas e inevitáveis mudanças no que temos, ao longo desses anos, chamado de “arquiteturas do olhar e da experiência”. Agora, acrescentamos a “arquitetura das decisões”. Com a chegada do VAR, em 2018, as dinâmicas de tomadas de decisão foram, ainda mais, significativamente alteradas, em uma relação também com conflitos reconfigurados.

A expressão “*footbyte*” surgiu com a intenção de demarcar essas interferências pontuais e, cada vez mais, modificadoras das nossas relações com o esporte. Estamos imersos agora em um *download* de informações em um fluxo de hiper-velocidade. Estamos ansiosos pelo *zoom* e pela possibilidade de “enxergar”, “experienciar” e “decidir” com as retinas das câmeras ultra-hd e os sofisticados *touchs screens*. A formação de jornalismo é, então, escalada para atuar em meio a esse jogo que, muitas vezes, fica “truncado”, mesmo com tantas promessas de “correção de erros” pela tecnologia. Assim, reforçamos a relevância de um percurso profissional pautado também na história e na memória. As reflexões e atuações ética e morais de qualquer jornalismo dependem muito desse retorno ao passado.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Pedro. **Agência Americana**: quando poetas fizeram jornalismo de agências no Brasil. Blog Agências de Notícias, 6/4/2018. Disponível em: Agência Americana: quando poetas fizeram jornalismo de agências no Brasil – Agências de Notícias (wordpress.com); acesso em 09/02/2024.

ARON, Paul. **As escritas do Jornalismo Esportivo** – introdução. In: **Sur le journalisme** - About journalism - Sobre jornalismo - Vol 10, nº2 – 2021.

BEDENDO, Ricardo. **Do Video-tape ao VAR**: o Footbyte e as mudanças nas arquiteturas do olhar e da experiência de jornalistas esportivos. 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUC-Minas, 2023.

BEDENDO, Ricardo. **A convergência da bola**: uma troca de passes entre rito, football e footbyte. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR, 2009.

BAO, Rui; HAN, Bo. “The influence of the video assistance referee (VAR) on the English Premier League”. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 2023.

BEIDERBECK, Daniel; EVANS, Nicolas; FREVEL, Nicolas; SCHIMIDT, Sascha L. “The impact of technology on the future of football – a global Delphi study”. *Technological Forecasting & Social Change*, Elsevier, 2022.

BRUNNSTRÖM, Kjell; DJUPSJÖBACKA, Anders; OZOLINS, Oskars; BILLINGHAM, Johsan; WISTEL, Katharina; EVANS, Nicolas. “Quality Measurement for video assisting refereeing systems”. *Sports Engineering*, 26: 17, 2023.

NIELSEN, Rasmus Kleis; FLETCHER, Richard. “Comparing the platformization of newsmedia systems: a cross country analysis”. *European Journal of Communication* – volume 38, issue 5, pages 484-499, 2023.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Sagração da Autenticidade**. Tradução de Inês Guerreiro. Coimbra, Portugal: Edições 70, 2022.

LIPOVETSKY, Gilles. **Da Leveza** – para a civilização do ligeiro. Coimbra, Portugal: Edições 70, 2016.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **O capitalismo Estético na era da globalização**. Coimbra, Portugal: Edições 70, 2014.

OLIVEIRA, Andriéle Cremonte; SCHIMITZ FILHO, Antonio Guilherme; SANTOS, Bernardo Carbone dos; MACHADO, Bráulio da Silva; SILVA, Diozer Dalmolin da; CAIRRÃO, Marcos Roberto. “A nova tecnologia no futebol: diálogos sobre a influência do VAR”. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo. v.12. n.47. p.94-102. Jan./Fev./Mar./Abril. 2020.

PALACIOS, M. “Convergência e memória: jornalismo, contexto e história”. *MATRIZES* Ano 4 – Nº 1 jul./dez. 2010 - São Paulo - Brasil – p. 37-50. Disponível em: Convergência e Memória: Jornalismo, Contexto e História | MATRIZES (usp.br) ; acesso em 01/02/2024.

TAMIR, Llan; BAR-ELI, Michael. “The Moral Gatekeeper: Soccer and Technology, the Case of Video Assistant Referee (VAR)”. *Frontiers in Psychology*, January 2021 | Volume 11.

WALVAART, Marleen Te; DHOEST, Alexander; BULK, Hilde Van den. “Production perspectives

on audience participation in television: On, beyond and behind the screen”. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies* 2019, Vol. 25(5-6) 1140–1154.

ZART, Luiz Henrique. “As regras mudaram e o jogo segue: impactos da tecnologia na prática do jornalismo esportivo”. *Esporte e Sociedade* - ano 16, n 38, junho de 2023.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: **capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação**. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas (orgs). **Tecnopolíticas da Vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.